

BI

BOLETIM INFORMATIVO

205

4º trimestre 2017

Delegações

Curiosidades

Brandos Costumes?



ASSP VIAGENS
Viaje com a ASSP



Em memória
das vítimas silenciadas
das cheias de Novembro
de 1967

Ana Paula Teixeira Torres

Direcção
Nacional



Nesta edição

<i>Editorial</i>	3
<i>Delegações</i>	4
<i>Curiosidades</i>	8
<i>Conversas ASSP</i>	12
<i>ASSP Viagens</i>	13
<i>Direcção Nacional</i>	14
<i>Jogos Florais</i>	16
<i>Delegações</i>	17
<i>Artigo "Em memória das vítimas silenciadas das cheias de Novembro de 1967"</i>	22
<i>Ana Paula Teixeira Torres</i>	
<i>Delegações</i>	25

Residências Sênior (ERI) Casas dos Professores



Aveiro

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230



Carcavelos

Rua Pedro Álvares Cabral, 150
2775-615 Carcavelos
Tel. 214 584 400



Porto

Est. Interior da Circunvalação,
3201 - 4350-111 Porto
Tel. 225 106 270



Setúbal

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850

Delegações

AÇORES

Praça da Autonomia Constitucional, 7, Paim
9500-787 Ponta Delgada
Tel./Fax 296 286 034
d.acores@assp.pt

ALGARVE

Rua Engº Aboim Sande Lemos, 14, R/C
8000-544 Faro
Tel./Fax 289 824 822 | d.algarve@assp.pt
[Casa em Pechão](#)
Tel. 289 723 744

AVEIRO

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230 | Fax 234 348 446
Tlm. 963 767 425
d.aveiro@assp.pt

BEJA

Rua Infante D. Henrique,
Edif. Escola Primária N.º 4
7800-318 Beja
Tel. 284 087 018 | Tlm. 960 195 118
969 172 537
d.beja@assp.pt

COIMBRA

Travessa dos Combatentes da Grande Guerra,
3 3030-181 Coimbra
Tel./Fax 239 483 952
d.coimbra@assp.pt

ÉVORA

Rua Chafariz D'El Rei, 31
7005-323 Évora
Tel./Fax 266 709 477 | Tlm. 967 804 246
d.evora@assp.pt

GUIMARÃES

Rua Alto da Bandeira, 23
4835-014 Creixomil
Tel. 253 512 369 | 253 103 466
Tlm. 967 532 787
d.guimaraes@assp.pt

LEIRIA

Av. Combatentes Grande Guerra, 65, 1º Esq.
2400-123 Leiria
Tel./Fax 244 813 492 | Tlm. 966 260 077
d.leiria@assp.pt

LISBOA

Rua D. Dinis, 4, I 1250-077 Lisboa
Tel. 213 700 330 | Fax 213 700 338
d.lisboa@assp.pt

MADEIRA

Rampa do Forte, 2 - Santa Maria Maior
9060-122 Funchal
Tel. 291 229 963 | Fax 291 282 546
d.madeira@assp.pt

PORTALEGRE

Rua Capitão José Cândido Martinó, 1
7300-295 Portalegre
Tel./Fax 245 331 612
d.portalegre@assp.pt

PORTO - NOVAS INSTALAÇÕES

Praça General Humberto Delgado, nº 267,
2º andar, salas 9, 10 e 11
4000-288 Porto
Tel. 222 032 049
d.porto@assp.pt
[Casa da Torre](#)
Rua da torre, nº 208, 4580-752 Sobrosa
Tel. 255 963 538 | Tlm. 931 736 357

Núcleo de V. Nova de Gaia

Rua Paula Vicente, 30,
4400-243 Vila Nova de Gaia

SANTARÉM

Rua Luíz Montez Matoso, 38
2005-145 Santarém
Tel./Fax 243 322 212
d.santarem@assp.pt

SETÚBAL

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850 | Fax 265 719 851
d.setubal@assp.pt

VISEU

Rua 21 de Agosto, Edifício Viriato, BL 5A - 1º A
3510-120 Viseu
Tel. 232 449 099 | Tlm. 925 321 167
d.viseu@assp.pt

Sede Nacional



SERVIÇOS CENTRAIS

Largo do Monte, 1 | 1170-253 Lisboa
Tel. 218 155 466 | 218 888 428
Fax 218 126 840
www.assp.pt | info@assp.pt
Seg. a Sex. 9.00h-13.00h / 14.00h-17.30h

Balanço, tempo de encontro entre o desejado e o conseguido



Ana Maria Morais

Presidente da Direcção Nacional da ASSP

Podemos afirmar que *balanço* é o tempo, o momento, de constatação entre o que foi desejado e o que foi possível conseguir.

O *balanço* é a negação do *já*, porque, quer o que foi desejado, quer o que foi conseguido, viveram de três diferentes tempos: o tempo de pensar, o tempo de fazer e o tempo de acontecer.

O *já* corresponde ao nosso desejo que do pensado surjam, de imediato, os resultados. A realidade, no entanto, não acontece assim. Todos os sistemas têm o seu tempo e a realidade, quase toda a realidade, é constituída por sistemas complexos.

A ASSP é um sistema complexo que tem um tempo resultante da sua estrutura, extensão e cultura.

Tudo o que foi pensado por muitos corresponde ao desejo de encontrar as respostas certas a um projecto que foi abraçado por todos. Neste tempo de *balanço* encontramos o que de melhor foi conseguido, mas também o indispensável de tudo o que foi desejado.

Sem o conjunto dos indispensáveis materializados nos muitos projectos que estão em curso, o horizonte da ASSP ameaçava ficar mais próximo.

Sem eles a ASSP poderia ir respondendo, temporariamente, às necessidades vitais de centenas de Associados, contudo o desejo maior é que a ASSP venha a corresponder às necessidades e problemas dos Professores. De todos os Professores.

Só assim será a sua máquina da alegria, muito provavelmente o seu *já*.

Que venha o próximo

Ficha Técnica

DIRECTORA

Ana Maria Morais

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

Tel. 218 155 466 / Fax 218 126 840

info@assp.pt / www.assp.pt

PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social dos Professores

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Margarida Sousa

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

IMPRESSÃO

Finepaper - Rua do Crucifixo, n.º 32 - 1100-183 Lisboa

REDACÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

assp.comunicacao@gmail.com

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS ASSOCIADOS

Isenta de registo na ERC ao abrigo do DEC- REG 8/99 de 9/6 art. 12º n.º 1 - A

Depósito Legal 36086/90

Número Avulso 0,50 €

Assinatura anual solidária 10,00€

Tiragem (n.º exemplares) 10 500

NOTA

A adopção do Novo Acordo Ortográfico é da responsabilidade dos autores.

"LIVROS NO JARDIM ANTERO DE QUENTAL"

Meio dia. O Jardim Antero de Quental em Ponta Delgada revestiu-se de um colorido diferente. Deambulo fascinada por entre um cenário em que o verde das plantas e árvores foi guarnecido por literatura açoriana – uma homenagem aos seus escritores.



Oíço vozes. Olho e vejo turistas ingleses, espanhóis e continentais (termo usado pelos açorianos para designar naturais do continente português). Curiosos, caminham devagar e integram-se.



A visita à igreja dos Jesuítas, mesmo ali ao lado, pode esperar. Mais adiante, um grupo de jovens residentes – alguns sentados nos bancos ou na relva, outros de pé – folheiam a obra de Raquel Ochoa "Sem Fim à Vista – A Viagem" com ilustrações de Urbano, pintor açoriano. São dezenas de exemplares espalhados pelos bancos do jardim que aguardam as mãos que os podem levar para casa. São oferta.

A visita é guiada pelo sócio-gerente da Nova Gráfica / Publiçor. Ernesto Resendes, um apaixonado pela literatura, é exigente na criação gráfica e foi responsável pela edição do maior livro da Europa e impressão do mais pequeno jornal do mundo (2,5 x 1,8 cm) que consta do *Guinness World Records*. "Isto é tudo fruto de uma jovem e competente equipa de trabalho" – diria ele.

Desta feita, numa iniciativa em parceria com a Câmara Municipal de Ponta Delgada que pretende a vitalização daquele espaço, o projeto "**Livros no Jardim Antero de Quental**" não encontrou limites para a criatividade.

A lembrar Antero de Quental, Natália Correia e Vitorino Nemésio, três imagens de grande porte, zincadas e ilustradas, embora estáticas, parecem inspirar-se para a escrita. Em formato de tora em caixas acrílicas espalhadas pelo jardim, o visitante pode ler "O Imaginário dos Escritores Açorianos" de Vamberto Freitas, "Perguntas e Respostas Sobre a História dos Açores" de Luís Mendonça ou "Um Lugar Chamado Açores" de Alexandra Castela e Elsa Gouveia.

A curiosidade dos visitantes e leitores direciona-se



para os suportes em tela, com uma cavidade onde assenta um livro, que foram depositados nos troncos de duas árvores. Sem as danificar e estrategicamente instaladas a convidar os passantes a uma leitura à sombra, encontram-se as obras "O barco e o sonho" de Manuel Ferreira, numa edição bilingue com o inglês e "Sonetos" de Antero de Quental que foi editado em seis línguas – uma autêntica surpresa! Seria o lugar privilegiado para as nossas associadas Maria do Carmo Correia e eu própria, a convite da Nova Gráfica, declamarmos dois sonetos do patrono do jardim, Antero de Quental, respetivamente, "Divina Comédia" e "Mais Luz!".

Como açoriana, sinto orgulho pelo projeto. "Um exemplo a seguir", como diz o povo. Decidi que iria ali mais vezes, para aquele ou um jardim qualquer, ler um qualquer livro, num qualquer dia, tendo como companhia a suave brisa por entre as ramagens das árvores, chilreios de pássaros e o cheiro da terra...

Corália Furtado
Associada nº 15936

Tavira

Uma cidade com história

Tavira, a denominada Veneza Algarvia, hoje um dos mais fortes pólos de atracção turística da região, é uma cidade cuja história se confunde com a do País.

Pelo território do seu concelho passaram fenícios, lígures, celtas e turdetanos e, mais tarde, romanos e cartagineses, como o atestam os vestígios arqueológicos existentes. Aos romanos se deve o topónimo Balsa, atribuído a Tavira por alguns autores, mas que actualmente se admite corresponder à aldeia da Luz.

Seguiram-se-lhes suevos, silingos, alanos e visigodos e a partir do século VIII os árabes.

É num documento desta época que aparece pela primeira vez a designação de Tavira (Tabila ou Tabira), embora se pense que a origem do termo seja pré-celta.

Foi conquistada por um grupo de cavaleiros de Santiago, comandados por D. Paio Peres Correia, em 11 de Junho de 1242, no reinado de D. Sancho II, feito a que se refere Camões n'Os Lusíadas (Canto VIII, estrofe 25).

D. Afonso III, em 1266, concedeu-lhe o seu primeiro foral, como reconhecimento da importância do seu porto e da sua actividade comercial, bem como do seu contributo para a reconquista de outras praças algarvias.

No reinado de D. Fernando, tinha a maior frota e o maior número de pescadores do Algarve, tendo recebido uma carta régia especial, que isentava os moradores da região de fazerem parte das tripulações das galés.

Grande foi também o papel da então vila nas expedições ao norte de África e, em 1415, aí aportou a frota regressada da conquista de Ceuta, tendo D. João I, na igreja de Santa Maria do Castelo, concedido aos filhos, Henrique e Pedro, o título de duque de Viseu e Coimbra, respectivamente.

No tempo de D. Manuel I, Tavira era a maior povoação e o mais importante porto do "Reino dos Algarves", com um papel determinante no apoio à situação das praças do Norte de África. São disso prova os forais que lhe são concedidos, em 20 de Agosto de 1504, com disposições que comprovam a sua riqueza vinhateira, piscatória e agrícola e o de 16 de Março de 1520, que a eleva a cidade.

Teatro de motins contra a entrega do trono português a Filipe II de Espanha, Tavira, cujo porto perde muita da sua importância durante o período filipino, embora tivesse aumentado o comércio que mantinha com o Brasil, manifestar-se-á contra a política monetária de Filipe III, sobretudo a partir das "alterações" de Évora de 1637.

A população de Tavira, que já fora dizimada pela peste em 1646, continuará a decrescer e acentuar-se-á no início do século XVIII. Para tal concorrerá também significativamente o terramoto de 1755, que deixou em ruínas grande parte da cidade.

Após a hecatombe, Tavira renascerá das cinzas arquitectónica e comercialmente, sendo de referir, neste último campo, por decisão do Marquês de Pombal, a implantação de uma fábrica de tapeçarias e a criação de novas salinas, para extracção de sal, tanto para uso dos habitantes e das armações como para exportação.

No século XIX sofreu duramente a ocupação das tropas napoleónicas de Junot e no período das guerras liberais afirmou-se como um foco da resistência dos adeptos de D. Miguel, embora se tivessem verificado vários levantamentos militares contra o seu governo.

Implantada a República, Tavira viveu os primeiros anos do

novo regime de forma relativamente pacífica, acompanhando as várias mudanças governativas que se fizeram sentir neste período. Tal não se verificará, porém, com o regime do denominado Estado Novo, tendo participado na fracassada Revolução de Fevereiro de 1927, em que uma junta revolucionária ocupou a Câmara Municipal.

Na actualidade, passado o tempo da pesca do atum e das conservas de peixe, Tavira é uma cidade essencialmente turística, onde ainda perdura a indústria do sal.



"Mais uma vez a nossa Associação é objecto de reportagem na Imprensa regional. Desta vez, foi a Casa do Professor em Aveiro que chamou a atenção da Comunicação Social pela qualidade dos serviços que presta.

Orgulhamo-nos de, modestamente, contribuirmos para que à ASSP seja dada a visibilidade e importância que merece, possibilitando assim a cativação de mais Associados.

A Direcção da Delegação de Aveiro"

VAGOS | AVEIRO | REGIÃO 17

AVEIRO

Casa do Professor "é como uma família"



É pela mão de Ana Paula Costa que somos guiados até à Casa do Professor, em Aveiro. Voluntária nesta associação há cerca de um ano, a oliveirense já domina os cantos à casa mas, mais do que isso, conhece todos e cada um dos utentes que, diariamente, aqui convivem, em Centro de Dia ou Lar.

A Casa do Professor, Delegação de Aveiro da Associação de Solidariedade Social dos Professores (ASSP), foi criada há oito anos. "Começámos com quatro residentes e sete ou oito funcionários... Felizmente, fomos conseguindo equilibrar as coisas. Mesmo assim, tem sido difícil manter a casa cheia", revela o presidente da direcção, José Luís Malaquias. Hoje, a associação tem lotação de 30 camas, em Lar (quartos individuais e duplos), mas não está no limite, acolhendo 28 utentes.

A ASSP foi fundada há 36 anos, por um grupo de professores, com o intuito de prestar apoio económico e social a esta classe profissional. Tem sede em Lisboa e 15 delegações pelo país (incluindo Madeira e Açores), entre elas a de Aveiro.

Juntamente com outros dois elementos da direcção, Ivone Lopes e Manuel Augusto Reis, o presidente da delegação de Aveiro explica que esta IPSS sem fins lucrativos, de reconhecida utilidade pública, foi criada com vista a "acolher professores e seus familiares, bem como outras pessoas de alguma forma ligadas à Educação e ao Ministério". Todavia, em Aveiro foi já lançada e iniciada a ideia de alargar o leque. "Vamos incluir pessoas ligadas à Ordem dos Engenheiros e muito em breve, alargaremos a outras classes profissionais", frisa.

Utentes felizes. Encontrámos, na Casa do Professor, três bairradinos: Dorinda Vieira, Alice Martins e Mário Martins. Este último, um utente especialmente querido ao Jornal da Bairrada, viúvo da saudosa Professora Rosinda de Oliveira que, desde o início da fundação deste semanário e até à sua morte, em 2015, foi sua colaboradora assídua.

Mário Martins, que fez no dia 1 de setembro 89 anos, recorda que começou a vir à Casa do Profes-

sor "quando a minha esposa aqui esteve". Entretanto, após o seu falecimento, vem durante o dia, mas, ressalva, "vou dormir a minha casa".

Na instituição, assume, é tratado "como família". "Sinto-me bem, sou muito acarinhado, sou tratado de uma maneira extraordinária. Dou-me bem com toda a gente e participo em todas as atividades que aqui promovem", afirma, entusiasmado.

Dorinda Vieira, natural de Soza (Vagos), está na Casa do Professor desde que esta abriu portas. Viúva, 78 anos, aqui está desde a morte do marido. "Tenho os meus filhos próximo, um em Verdelimilho, outro na Barra. Senti, ao princípio, muitas saudades da minha gente e ainda sinto, mas as coisas vão melhorando, com auxílio das minhas orações e pelas muitas visitas que faço aos meus filhos".

A maioria das famílias dos utentes é, aliás, "muito presente e fazem questão de acompanhar o seu dia a dia e mesmo nós, procuramos integrá-los nas nossas atividades", esclarece a diretora técnica Inês Mouro. Mes-

tre em Gerontologia, assumiu em 2013 a direcção técnica da instituição e, como a própria diz, faz "um pouco de tudo". No desempenho das suas funções, Inês Mouro estimula a relação entre utentes, entre si e os utentes e também com os funcionários. "Atendo aos pedidos e reclamações, giro as sessões com a psicóloga Liliana Pinheiro, faço a gestão das atividades de animação, desenvolvemos a gerontomotricidade, temos debates, escrita criativa, poesia, atividades manuais..." E nesta área contam então também com a ajuda da voluntária Ana Paula Costa, "que tem trazido uma dinâmica que complementa muito o que queremos fazer com os utentes, com a supervisão da nossa animadora Joana Soares".

Hoje não há atividades, apenas se tornou um dia diferente com a visita da jornalista. Antes da despedida, no cantinho dedicado ao "Livro do Mês", Mário Martins mostra, com orgulho, os recortes do Jornal da Bairrada sobre a sua - a nossa - "Rosinda".

Oriana Pataco

Oriana.b.pataco@jb.pt

Aventure-se! Parta à descoberta de Castro Verde...

O concelho de Castro Verde está situado no coração do Campo Branco. Há mais de 3000 anos que a paisagem da região de Castro Verde é objeto de uma profunda humanização, marcada pela presença de comunidades que teriam na exploração mineira e na pastorícia as suas principais atividades.

Distinguido em junho deste ano como **Reserva da Biosfera da UNESCO**, Castro Verde é um *Ecosistema Humanizado de Alto Valor Natural*, onde a compatibilização da atividade agrícola com a conservação da natureza permitiu a formação de um riquíssimo *habitat*, onde ocorrem espécies protegidas como a abetarda, o sisão ou o peneireiro-das-torres. Com inúmeras potencialidades ao nível do turismo ornitológico, as pseudo-estepes do Campo Branco são, cada vez mais, uma referência no roteiro de turistas adeptos do *birdwatching*, que

todos os anos visitam Portugal. Mas aqui confluem outros fatores – *históricos, culturais e patrimoniais* – que fazem de Castro Verde um destino de eleição.

A região está intimamente ligada ao processo de formação de Portugal. No sítio de S. Pedro das Cabeças terá sido travada a lendária Batalha de Ourique. É aqui que em tributo à vitória de D. Afonso Henriques foi mandada erguer a Ermida de S. Pedro das Cabeças.

De visita obrigatória, a Basílica Real de Castro Verde é um templo imponente que marca de forma bem visível o núcleo urbano da vila. Aqui pode visitar-se o Tesouro da Basílica, núcleo museológico de arte sacra. Neste roteiro por Castro Verde, também o Museu da Ruralidade (Entradas) e o Museu da Lucerna oferecem uma parte importante da história deste concelho.

Do património musical impera o canto e a viola campaniça. A Feira de Castro, uma das mais emblemáticas feiras do sul do país, continua a ser o ponto de encontro destas culturas musicais e uma referência no valorizar da oralidade da região.

Quem visitar Castro Verde pode ainda deliciar-se com os sabores únicos da gastronomia alentejana ou descobrir o artesanato que aqui se produz.

Mas nem só de memória vive Castro Verde. Aqui persiste uma forte dinâmica cultural com eventos plurais direcionados aos diferentes públicos e uma programação que navega por diferentes áreas, da música, ao teatro, exposições, desporto e atividades de ar livre.

Colaboração da
Câmara Municipal de Castro Verde
www.cm-castroverde.pt



BRANDOS COSTUMES?

Cada dia que passa, são divulgados mais crimes de violência contra as pessoas, cometidos em Portugal.

Apesar do número de agressões contra os homens e os idosos estar a aumentar, a maior parte das vítimas (82%) são as mulheres.

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 2016, **por dia**, 14 mulheres foram agredidas, num total de 5226, tendo em conta apenas as que contactaram aquela Associação.

Nos mais de 27000 crimes registados pela APAV constatarem-se:

- 21 homicídios consumados e 28 na forma tentada;
- 143 casos de violação;
- 142 casos de abuso sexual de menores;
- 73 casos de coacção sexual e
- 412 casos de assédio persistente (stalking).

Destes crimes, 77% foram praticados no âmbito de violência doméstica.

É neste trágico quadro, que se veio inscrever, como uma bomba contra as vítimas deste tipo de violência, o inacreditável Acórdão do Tribunal da Relação do Porto, de 11 de Outubro de 2017. Em pleno século XXI, revela uma concepção da relação entre seres humanos inaceitável, retrógrada e bafienta.

Toda a fundamentação daquela “peça jurídica”, sui generis - da autoria do Juiz Desembargador Neto de Moura e subscrito pela (pasmem-se!) Juíza Maria Luísa Arantes, está ferida mortalmente por ser atentatória dos mais básicos princípios da nossa Constituição.

Desrespeita os princípios do Estado de Direito Democrático, Pluralista e Laico, da Igualdade, dos

direitos à integridade física e moral, do livre desenvolvimento da personalidade, do bom nome e reputação, numa palavra, da Dignidade da Pessoa Humana.

Senão, vejamos o que os juizes autores desta autêntica pérola da história da Justiça portuguesa afirmam, para atenuar a culpa dos arguidos (ex-marido e amante) que - premeditadamente e em conluio - agrediram a vítima (esposa e amante), com a ajuda preciosa de uma moca cravada de pregos!

(...) a conduta do arguido ocorreu num contexto de adultério praticado pela assistente (vítima da agressão). **Ora, o adultério da mulher** (atente-se) **é um gravíssimo atentado à honra e dignidade do homem. Sociedades existem em que a mulher adúltera é alvo de lapidação até à morte. Na Bíblia, podemos ler que a mulher adúltera deve ser punida com a morte.** (...) E continua, para que conste, explicando que o Código Penal de 1886 punia, apenas com pena simbólica, o marido que encontrando a mulher em adultério a matasse.

Apenas um comentário:



O doce sabor do Baixo Mondego

Encostado ao Mondego, Tentúgal surge na paisagem na imponência dos seus monumentos e com o doce sabor que o caracteriza, o Pastel de Tentúgal. Criado pelas mãos das irmãs professoras no Carmelo de Tentúgal desde o século XVII, este doce tesouro distingue-se sobretudo pela sua delicada e fina massa e pela sua imensa e rica história. Estaladiço, com uma massa com uma espessura de quase transparência, o Pastel de Tentúgal é o símbolo maior de toda a herança deixada pelas irmãs carmelitas à população de Tentúgal.

Conhecer este doce é muito mais do que a experiência do seu sabor e textura, é um todo de desfiar de "estórias" que se desenrolam à volta do espaço mais emblemático da nossa vila, o Convento da Nossa Senhora do Carmo. As nossas irmãs carmelitas, para além de terem criado o pastel que é hoje o principal elemento económico da freguesia, sempre foram um suporte nas aflições de ricos e pobres sendo, ainda hoje, recordadas com carinho e saudade pela população que no convento sempre encontrou aconchego. Não obstante a clausura, muitos são os registos que evidenciam a grande proximidade entre a população e a comunidade carmelita. Pela roda, era um corrupio de dar e receber. Eram os doces, o pão, as esmolos, as ofertas ao Convento, as mezinhas da botica, os meninos expostos (sem mãe ou sem pai), enfim, a reciprocidade no seu melhor. Num sinal maior de agradecimento, ainda hoje a população de Tentúgal recorda não só os pastéis, mas sobretudo a companhia, os laços, as ofertas, e a presença afetiva de quem viveu a

sua vida entre os muros do Convento.

Apesar do encanto do património arquitetónico e histórico de Tentúgal, sabemos que o que fica na memória de quem visita a vila mais doce do Baixo Mondego é, precisamente, o pastel de Tentúgal e o saber-fazer que a sua delicada e fina massa exige. Feita apenas com água e farinha de trigo, a massa apresenta uma elasticidade única devedora do enorme saber-fazer e conhecimento que as pasteleiras entregam todos os dias na sua produção. Colocada sobre um estrado de madeira devidamente tapado com extensos panos brancos, a massa vai sendo sucessivamente esticada como se de um lençol se tratasse. Quem vê sai de Tentúgal surpreendido pela complexidade de todo o processo, admirado pela forma compassada como as mulheres se vão deslocando em redor do bolo de massa esticando-a até ficar mais fina que papel. No final, de joelhos, as pasteleiras cortam pequenas folhas de massa que irão, depois, receber o doce de ovos.

De ingredientes simples como o açúcar, farinha, ovos e água, a complexidade encontra-se no saber-fazer das pasteleiras, verdadeiro segredo deste doce. A alma desta receita está nas mãos de quem a faz. Habitadas à rotina diária de um esforço quase perfeito, as pasteleiras executam o esticar da massa como se de uma dança se tratasse, bailando entre as

bordas da massa qual onda que se espalha na areia. Um espetáculo único, só nosso, saído do Convento do Carmelo e executado pelas sábias e experientes mãos das mulheres de Tentúgal. Um verdadeiro hino à perfeição.

Não obstante os mil anos de história de Tentúgal, topónimo nascido da lenda do Tent'lgual, no final, todos lembram os famosos, afamados, mui saborosos e bem conhecidos pastéis de Tentúgal. Com uma massa fina e transparente e um recheio cremoso, o pastel de Tentúgal desfaz-se na boca de quem o saboreia lembrando a fantástica história de um doce que quase se perdeu no tempo e no destino de um Convento encerrado em 1898. Para trás ficaram os nomes de muitas e várias protagonistas, numa história que se faz no feminino, quer na produção, quer na coragem da divulgação que a todos orgulha. Num esforço sempre presente, todos os tentugalenses procuram preservar para sempre a memória carmelita e a memória das mulheres que trataram o pastel de Tentúgal como um tesouro, o doce tesouro do Baixo Mondego.



O Português é para comer!

A língua portuguesa passa por um período de projeção internacional: instrumento de comunicação em cinco continentes, usado por mais de 260 milhões (há quem chegue mesmo aos 283 milhões), emerge como língua oficial e de trabalho em organismos internacionais e candidata-se a uma das 6 línguas cimeiras faladas do planeta, embalada por uma demografia pujante nas latitudes tropicais.

Diplomacia, mas também, negócios, cultura, ciência, artes fazem-se em Português, dinamizados por encontros e organizações entre pares, com a CPLP e a UCCLA como facilitadores de uma nova globalização entre povos iguais e amigos.

Nesta tapeçaria de fecundação de línguas crioulas, de modulações de uma língua viva por esse mundo fora, nem tudo é luz e brilho: há rombos neste quadro, há muitos cidadãos nesta lusofonia apenas no papel. Há milhões, que não sabem falar português. O caso mais pesado encontra-se em Moçambique.

Ao tornar-se independente, em 1975, 93% dos cerca de 11 milhões de moçambicanos de então, eram analfabetos. Hoje, numa população de 27 milhões – e a crescer a 2,5% ao ano! – ainda serão uns 12 milhões aqueles que não sabem ler, nem escrever. Não usam a língua oficial

do seu país, o português. Encontram-se quase todos no meio rural, que engloba ainda 70% da população e cujas comunidades locais usam as suas línguas nativas (há 41 em Moçambique); aquelas, que desde sempre sustentam uma vida comunitária de pobreza extrema, com uma agricultura de subsistência, mal assegurando o mínimo vital para todos.

Nas aldeias concentram-se mais de dois terços das crianças em idade escolar, para as quais o que está escrito acima passa totalmente ao lado. Para elas as necessidades são muito básicas e à vista de todos: cerca de 1 milhão, em 7, que se encontram na idade própria dos 7 anos de Escolaridade Obrigatória, não dispõe de uma sala de aula; há falta generalizada de cadernos, lápis, borrachas, apara-lápis ou régua, no Ensino Primário e de manuais escolares no Secundário; os pais camponeses não têm o equivalente a 30 euros, para a inscrição, o uniforme, os sapatos, a mochila e o material escolar requeridos, para os seus filhos continuarem a estudar no Ensino Secundário; a formação muito insuficiente da maioria de professores em meio rural, faz com que as crianças tenham um aproveitamento muito deficiente, atestado pela OCDE.



É para ajudar a vencer estes tremendos obstáculos, que a Helpo (www.helpo.pt) existe. É que, para estes meninos e meninas, o Português é a única esperança de virem a ter uma vida melhor, com uma profissão mais bem remunerada. Para eles, o Português é para comer!

*António Perez Metelo, Economista,
Jornalista, Presidente da Associação
HELPO.*



3.ª Edição Gala Emoções

No passado dia 21 de outubro, realizou-se no Auditório Nobre da Universidade do Minho a 3.ª Edição da Gala Emoções.

Este espetáculo teve como principal objetivo a angariação de fundos para a implementação do Projeto *Movimento Transformers*, na cidade de Guimarães.

A 3.ª Edição da Gala Emoções foi apresentada pelo António Pereira, locutor de uma das rádios locais mais ouvidas em Guimarães e arredores, a Rádio Santiago.

Para abrilhantar a noite, contamos com a presença de vários artistas locais, tais como o grupo Show On que apresentou alguns temas à capela e outros mais ritmados; o cantor Carlos Ribeiro, conhecido internacionalmente pelo seu êxito "Português Emigrante"; o Ginásio Biba Mais com performances ligadas à dança e expressão corporal; o grupo Filhos da Nação constituído por jovens que cantam sobretudo músicas populares acompanhadas de concertina e ainda a jovem Vera Lima, ex-concorrente do programa The Voice que fechou o espetáculo da melhor forma com alguns fados.

Estiveram aproximadamente duzentas e trinta pessoas a assistir ao espetáculo, o que fez com que os objetivos traçados pela organização fossem completamente atingidos. Desta forma, ficou garantido o total financiamento do projeto *Movimento Transformers* para o próximo ano letivo.



Foi uma noite bastante animada, com momentos muito agradáveis, os quais pretendemos replicar com mais iniciativas deste género nos próximos anos.

O que é o Movimento Transformers?

O *Movimento Transformers* é um movimento de voluntariado que tem como missão aumentar o envolvimento das pessoas nas suas comunidades através daquilo que mais gostam de fazer. Este movimento procura mobilizar mentores para ensinar os seus talentos a grupos de aprendizes (6 aos 106 anos de idade). Assim, os mentores ensinam o seu talento (ex.: guitarra, bijuteria, canto, pintura,...) a outras pessoas que, posteriormente, vão usar essa aprendizagem para ajudar as suas comunidades.

Site: movimentotransformers.org/

Para ver mais fotografias da 3.ª Edição da Gala Emoções, consulte a nossa página de Facebook:

www.facebook.com/assp.delegacaodeguimaraes/?rc=p





As Conversas ASSP são uma iniciativa Nacional da ASSP que visa reunir os Professores, à volta da sua Associação de Solidariedade, para lhes proporcionar momentos de fruição intelectual e de convívio e, em solidariedade, encontrar soluções para as dificuldades que surgem em qualquer momento do seu ciclo de vida.

A ASSP realizou no Instituto Politécnico de Beja a primeira sessão de um ciclo de quatro **Conversas ASSP** subordinada ao Tema: Ambiente, Sustentabilidade e Educação.

Esta parceria com o IP de Beja concretizou-se graças ao empenhamento e boa vontade que os elementos da Comissão Administrativa da Delegação de Beja tiveram na realização deste ciclo de **Conversas**. A sessão decorreu no anfiteatro da ESE do IPB com a presença do seu Director, Professor Doutor José Pedro Fernandes que moderou o debate.

A ASSP foi saudada pelo Sr. Vice Presidente do IPB que se congratulou com a iniciativa e mostrou a sua disponibilidade para aprofundar as relações com a nossa Associação.

A Direcção Nacional da ASSP fez-se representar pela sua Presidente e pelo seu Vice Presidente para a Área Financeira.

Na sequência do debate seguiu-se um lanche sustentável com produtos da região e uma animação musical com o grupo Mata Bicho.

As **Conversas ASSP** vão estender-se a todo o país. Esperamos a participação activa de todas as Delegações.



No fim de semana de 3, 4 e 5 Novembro teve lugar uma pequena viagem de carácter cultural a terras raianas, organizada pela Direcção Nacional.

À partida de Lisboa seguiu-se uma paragem técnica em Évora, aproveitada para uma rápida visita à sede da Delegação Distrital. O destino seguinte foi Elvas e o seu recentemente recuperado Forte da Graça, Património Cultural da Humanidade desde 2012.

Partiu-se então para Cáceres, cidade medieval e renascentista, um dos conjuntos urbanos mais homogêneos da Europa, também Património Mundial, desde 1986.

No dia seguinte foi a vez de Mérida, capital ibérica do Romano e, antes do regresso, visitou-se a “olvidada” Barragem romana de Proserpina.

A passagem por campos de Badajoz, permitiu uma abordagem ao Plano de Rega desta cidade, exemplo de intervenção integrada de meados do Séc. XX.

Chegaram-nos os ecos deste passeio, através de vários depoimentos que nos dão energia para novas iniciativas. Já temos promessas de colaboração. Esperemos pela Primavera.

Eis alguns pequenos excertos:

Tendo participado na visita a Elvas Cáceres e Mérida, venho por este meio agradecer aos organizadores, a excelente viagem que nos proporcionaram.

Os colegas que nos acompanharam foram inexcelíveis em nos fornecerem indicações, e nos proporcionarem com a sua simpatia, disponibilidade e boa disposição uns momentos tão agradáveis!

Esperando que esta viagem seja o início de muitas outras, um abraço a todos.

Mariana Bettencourt (Associada nº 19089)



O grupo de viajantes demonstrou que ser professor deixa hábitos de convívio e de saber estar, que perduram para a vida.

Desejo que outras oportunidades surjam de estar convosco noutras actividades, quer sejam passeios, colóquios, visitas de estudo, etc. Considerem-me também disponível para a colaboração que julguem que possa dar.

Bem hajam.

Maria Luísa Sobral Mendes – Associada nº 17726



Toda a organização foi por nós considerada excelente, quer no que diz respeito à logística, hotel, almoços, transporte, motorista e guias, quer em relação ao itinerário escolhido de grande interesse histórico.

Gostaríamos de realçar o bom ambiente gerado por todos os participantes, e enviar um especial agradecimento ao grupo de Évora pela sua cordialidade e empenho que demonstraram.

4 participantes do Porto (Leonor Nóvoa, Manuela Lima Lobo - Associada nº 8920 - Paula Bagão e Teresa Ferraz)



O convívio foi muito positivo, pois proporcionou contacto aberto entre colegas de várias delegações.

As informações prestadas pela colega de Évora no autocarro foram muito elucidativas apesar do seu receio em “massacrar” os participantes; mas foi voz expressa no autocarro que até se desejavam mais informações e que não estava nada a “massacrar” os ouvidos, antes pelo contrário...

José Ermitão (Associado nº 12671)

Não quero deixar de lhe relatar quanto me agradou a viagem a Cáceres e Mérida que correu lindamente tanto quanto ao alojamento que era excelente como à programação.

Por último um louvor e agradecimento ao motorista Sr. Agostinho pela sua competência, simpatia, boa disposição e disponibilidade.

Hannelore Eibner (Associada nº 7019)

Segundo Ano de Mandato: Breve Balanço

Acaba agora o nosso segundo ano de mandato. Tempo de mais um balanço do que conseguimos concretizar.

As sementes de mais um virar de página na história da ASSP estão lançadas.

Temos a esperança de que, em breve, poderemos colher os seus frutos.

Concluimos e aprovamos o Plano Estratégico da ASSP de médio e longo prazos.

Apresentámos o Relatório dos Inquéritos de Satisfação de Residentes das ERI, Funcionários e Familiares.

Concluimos as negociações de dois grandes contratos com a Galp e com a NOS com vantagens significativas para a ASSP.

Concretizámos a assinatura do protocolo com a UE e com o Centro de Formação Beatriz Serpa Branco para acções de formação contínua em e-Learning e b-Learning.

Iniciámos o trabalho no âmbito dos Projectos do Plano Estratégico, priorizados para 2017.

Estabelecemos um protocolo com a Escola Secundária José Saramago em Mafra no qual se estabelece que a ASSP é patrono do curso multimédia em troca de um número fixado de novos Associados até ao final do ano lectivo. A ASSP será divulgada em toda a Escola quer no interior quer no exterior da mesma.

Continuamos a renegociar o serviço da dívida com vantagens para a ASSP.

Contratualizámos um Plano de Comunicação ASSP, estando a decorrer a actualização dos meios de comunicação, com vista a visitas ao maior número de Escolas do país, algumas das quais já calendarizadas.

Reunimos, com uma certa regularidade, com Presidentes e Tesoureiros das ERI para um acompanhamento mais próximo da gestão financeira.

Estamos a dar início à gestão profissionalizada das ERI e concretizámos a existência de uma Central de Compras..

Agendámos reuniões de Focus Group para poder criar novas propostas de valor destinadas aos professores mais jovens.

Iniciámos a revisão dos Estatutos da ASSP.

Mantivemos a decisão de não recorrer ao crédito bancário de médio e longo prazos, obtendo assim a diminuição da dívida da ASSP em 33 %.

Comemorámos o 36º aniversário da ASSP em Santarém, realizando, além dos eventos habituais, um seminário onde foram abordados vários Temas, particularmente, ligados à Gestão das Escolas.

Assinámos Protocolos com a FNE com a AREP e com todas as Ordens Profissionais que divulgarão a ASSP nos seus meios de comunicação. Sempre com prioridade bem definida para os nossos Associados, abrimos assim as nossas Residências a outros Professores e Profissionais.

Realizámos a nível Nacional a Acção de Formação "Aplicações Informáticas de Gestão de Informação Financeira", destinada às Direcções das Delegações e respectivos funcionários administrativos.

Estabelecemos um regime especial extraordinário de pagamento de cotas com o objectivo de recuperar Associados e cotas em atraso e de actualização do respectivo ficheiro.

Enviámos às Delegações 3 Pastas Partilhadas.

Obtivemos, por 5 anos, a classificação da Casa da Torre como Turismo Rural, estando esta actualmente aberta ao público através do booking.com.

Candidatámo-nos ao Prémio Fidelidade na área do envelhecimento activo, no valor de 44 mil euros.

Contratualizámos a realização de um diagnóstico de sustentabilidade das Residências incluindo, inicialmente, Carcavelos e Aveiro.

Retomámos as Viagens organizadas, agora no âmbito do conceito ASSP Viagens.

Analisámos a viabilidade e continuidade dos Projectos ASSP XL e Terras de Sta. Maria, tendo sido aprovados com determinação de objectivos e dentro de certos limites financeiros.

Negociámos com vantagens financeiras e de coberturas os seguros multiriscos com as respectivas actualizações de apólices referentes a todo o património da Associação.

Estamos em negociações com a Segurança Social de Faro e com a Associação Pais em Rede com vista à resolução da situação da Casa em Pechão.

Realizámos uma Acção de Formação sobre Avaliação para as Directoras Técnicas das Residências; está agendada para Janeiro outra sobre Liderança e Gestão de pessoas.

Criámos o Gabinete Jurídico de apoio aos Associados.

II Jogos Florais

Experiência de Vida - Fonte de Sabedoria

Realizou-se, no passado dia 14 de Novembro, no Teatro Armando Cortez - Casa do Artista, a cerimónia de Entrega de Prémios dos II Jogos Florais promovidos pela UDIPSS-Lisboa.

Duas Associadas da ASSP concorreram e as suas obras foram premiadas.

As Professoras Maria Flora Abreu Marinho da Cunha Pinto de Azevedo e Maria Manuela de Carvalho Tavares Vaz de Medeiros viram que os seus trabalhos tinham sido objecto de 2º e 1º Prémios, nas suas categorias.

Foi objectivo dos Jogos Florais levar à participação de seniores que dessa forma demonstram que continuam a dar continuidade à sua dimensão de Pessoa, participando na grande comunidade que integra todas as gerações.

Foi muito gratificante a sua participação, muito provavelmente motivada por uma alegria genuína e longe de qualquer aspiração ao lucro, na qual iremos encontrar as raízes do acto criativo.

A cerimónia de entrega dos prémios decorreu num ambiente de grande cordialidade em que os apre-

sentadores e membros do júri colaboraram num clima de alegria e reconhecimento pela participação dos concorrentes e pela colaboração prestada por diversas entidades, nomeadamente a Casa do Artista.

O Dr. Adelino Cruz, membro da DN, recebeu, em representação da nossa Associada dos Açores, o prémio que lhe foi atribuído e a Dra. Otilde Simões da Comissão Administrativa da Delegação do Porto, acompanhou a Associada residente nessa área.

Parabéns às nossa Associadas.



Boas Festas

A Direcção Nacional deseja a todos os restantes Órgãos Sociais da ASSP e a todos os Associados Boas Festas e um Ano Novo cheio de alegria.

Agradece, publicamente, a inestimável colaboração de todos - Associados e Colaboradores - quantos deram o seu melhor para manter e engrandecer esta Associação que é motivo de orgulho dos Professores deste país.

ESCOLA UNESCO

Agrupamento de Escolas da Caranguejeira/Santa Catarina da Serra

Há já quatro anos que a Escola de Santa Catarina da Serra (Agrupamento de Escolas da Caranguejeira e Santa Catarina da Serra) integra a "Rede de Escolas Associadas da Unesco", a única do concelho de Leiria.

Tudo começou com uma atividade realizada em 2014, em que lembrámos Aristides de Sousa Mendes, com a presença do seu neto Dr. António de Sousa Mendes. No jardim, mesmo em frente à Escola, criámos um lugar de memória, a que demos o nome do "Jardim dos Justos", onde homenageámos nesse ano o Cônsul Sousa Mendes, diplomata que, desafiando as ordens de Oliveira Salazar,

Aristides de Sousa Mendes



concedeu vistos a mais de 30 000 pessoas, muitas delas judias, salvando-as de uma

morte quase certa. (Ainda em parceria com o Dr. António de Sousa Mendes, produzimos a apresentação multimédia "O meu avô, Aristides de Sousa Mendes", lançada a nível nacional pela Areal Editores).

Depois veio o desafio. Porque não entrar para a Rede de Escolas Unesco? Porque não envolver a comunidade escolar em projetos que se identificassem com os grandes ideais da Unesco, difundindo os exemplos de uma educação de qualidade, chamando a atenção para os problemas mundiais, educando para um desenvolvimento sustentável, para a Paz e os Direitos Humanos e para a aprendizagem intercultural?

Apresentada a candidatura, sob o tema "Exemplos de coragem numa educação com



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Membro das



Escolas
Associadas
da UNESCO

Futuro", a Escola de Santa Catarina da Serra recebeu, pouco depois, o Diploma de Escola UNESCO, assinado por Irina Bokova, diretora-geral da Unesco.

Hoje em dia, este projeto visa envolver todas as escolas do Agrupamento, solicitando todos os níveis de ensino a desenvolverem as suas atividades sob a égide desses grandes ideais, que unem mais de 9 500 escolas em todo o mundo.

Paralelamente foi criado um Clube Unesco, onde os alunos inscritos, todas as semanas, se integram em atividades educativas promotoras de uma cidadania ativa e consciente.

Fernanda Ruivo
Coordenadora do Clube Unesco
fernanda.ruivo@sapo.pt

RIR É O MELHOR REMÉDIO

Este medicamento não tem preço, é divertido, livre e fácil de usar

RIR AJUDA O BEM-ESTAR Pessoal

Já sorriu hoje?

Já deu uma gargalhada?

Já fez alguém rir hoje?

Ontem, antes de adormecer, pensou nalguma situação engraçada que aconteceu durante o dia?

Possivelmente pensará: "Eu não tenho nada engraçado para recordar! Vou-me rir de quê?".

Se é esse o seu registo, mude de atitude.

Estudos científicos mostram que podemos "treinar" o cérebro para sermos mais alegres e felizes. É fácil e prolonga a longevidade.

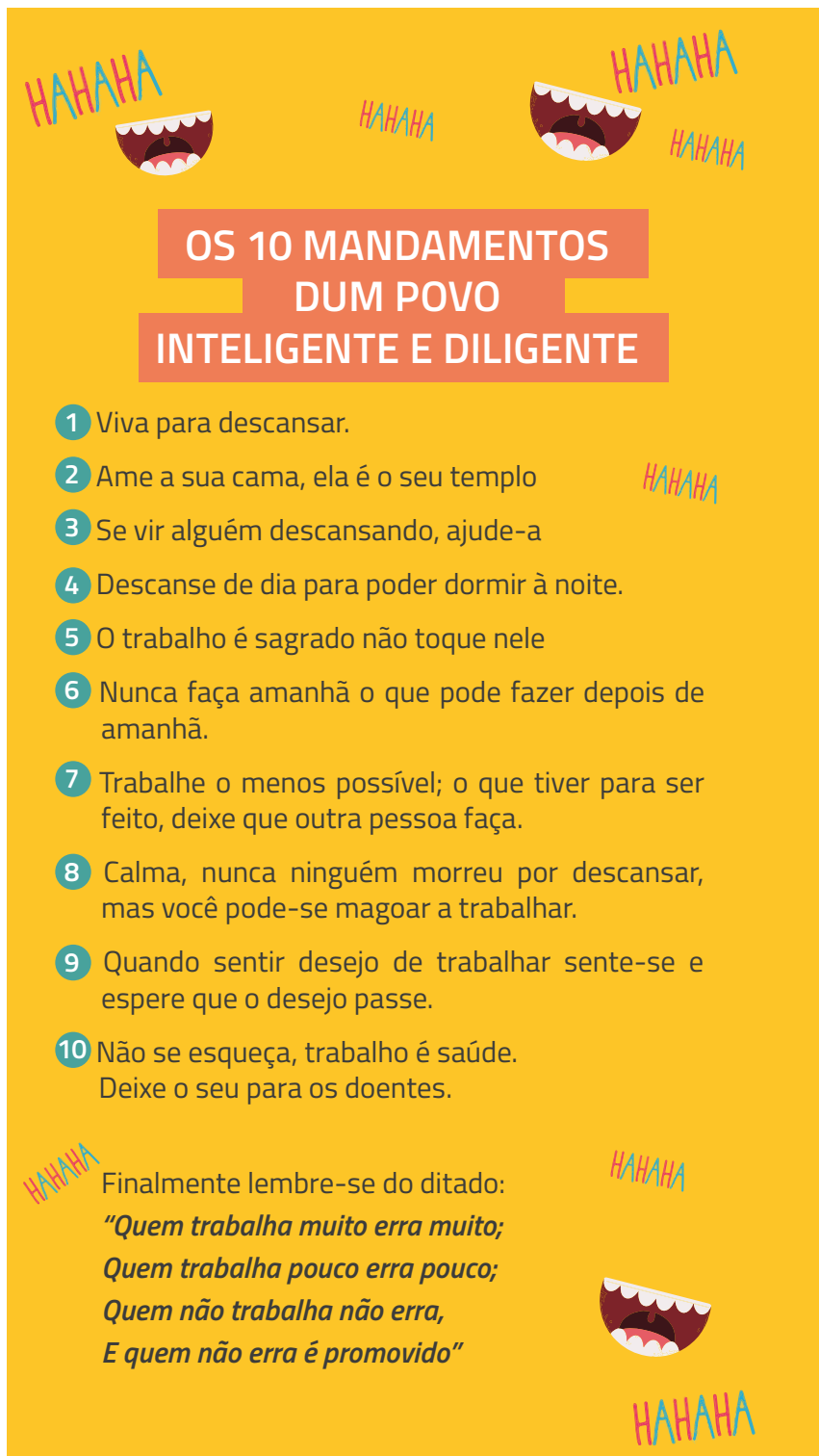
As investigações no âmbito da Psicologia Positiva comprovam benefícios significativos decorrentes do riso para a saúde mental e física.

O riso provoca alterações positivas no nosso organismo nomeadamente: redução da tensão muscular e do stress, melhoria do sistema imunológico, alívio da dor, ...

Se rir nos faz bem porque não juntarmos o sorrir, o rir e o humor ao nosso cotidiano? No nosso dia-a-dia temos muitas possibilidades se estivermos dispostos a isso. Um trocadilho, uma anedota, um sorriso, uma frase humorística, tudo pode ser aproveitado, incluindo rir de pequenos disparates que fazemos.

Adote um "novo" padrão de comportamento/atitude para a sua vida desenvolvendo o seu sentido de humor, rindo mais e distribuindo sorrisos com mais frequência.

Elisabete Carvalho
Psicóloga



OS 10 MANDAMENTOS DUM POVO INTELIGENTE E DILIGENTE

- 1 Viva para descansar.
- 2 Ame a sua cama, ela é o seu templo
- 3 Se vir alguém descansando, ajude-a
- 4 Descanse de dia para poder dormir à noite.
- 5 O trabalho é sagrado não toque nele
- 6 Nunca faça amanhã o que pode fazer depois de amanhã.
- 7 Trabalhe o menos possível; o que tiver para ser feito, deixe que outra pessoa faça.
- 8 Calma, nunca ninguém morreu por descansar, mas você pode-se magoar a trabalhar.
- 9 Quando sentir desejo de trabalhar sente-se e espere que o desejo passe.
- 10 Não se esqueça, trabalho é saúde. Deixe o seu para os doentes.

Finalmente lembre-se do ditado:
*"Quem trabalha muito erra muito;
Quem trabalha pouco erra pouco;
Quem não trabalha não erra,
E quem não erra é promovido"*

Caros Associados, caso tenham endereço electrónico não se esqueçam de nos enviar para poderem receber os Cronogramas com descrição das Actividades, e todas as "notícias fresquinhas".

O Fogo-de-Artifício da Passagem de Ano na Madeira

A evolução ao longo dos séculos

Como precursor do atual Fogo-de-Artifício madeirense, remonta ao século XVII a tradição de assinalar a passagem de ano com fogueiras.

Mais tarde, no século XVIII, a comunidade inglesa, residente na ilha, introduziu o lançamento dos foguetes para assinalar o início do Ano Novo.

Um século depois, as famílias abastadas da ilha decidiram recriar esta tradição. A partir daí, começaram a competir entre si, no lançamento dos foguetes, promovendo um espetáculo de Fogo-de-Artifício que se estendia até às zonas mais altas da cidade”.

Este espetáculo foi crescendo ao longo dos anos, passou a ser assumido pela Região e alcançou, em 2006, o reconhecimento internacional de “Maior Espectáculo de Fogo-de-Artifício do Mundo” pelo Livro de Recordes do Guinness.

Todos os anos, milhares de turistas visitam a Madeira em navio de cruzeiro e têm a oportunidade de assistir ao nosso fogo-de-artifício de uma forma diferente. Do mar, nas praças ou nos miradouros, todos têm o privilégio de apreciar este espetáculo.

Ariete Gouveia
Presidente da Delegação da ASSP - Madeira





Bridge na Delegação de Portalegre da ASSP

Segundo o *site* www.quintonaipes.com, acredita-se que o Bridge é um jogo de cartas inventado pelos soldados britânicos, durante a guerra da Crimeia.

Deve o seu nome à Ponte Gálata (*Bridge*), que liga as duas partes europeias de Istambul, usada pelos soldados para se dirigirem ao café onde habitualmente jogavam cartas.

No entanto as origens deste jogo serão muito anteriores, remontando ao século XVI, ainda numa forma rudimentar, com a designação de *Whist*.

Em Portugal a Federação Portuguesa de *Bridge* iniciou a sua atividade de forma ainda oficiosa em 1960, mas só em 1977, pela mão de Francisco Sousa Tavares, é reconhecida como representante do Bridge de competição e a modalidade é reconhecida como modalidade desportiva.

O *Bridge* é um jogo social jogado a pares, com regras bem definidas, com formas de comunicação próprias, requer uma boa memória e cálculos rápidos, assentando sempre no cavalheirismo e boa conduta dos participantes.

Devido a estas exigências acredita-se que este é um jogo que pode ajudar a atrasar o aparecimento dos sintomas de envelhecimento e a manter uma mente desperta e funcional, associado ao aspeto social e lúdico dos jogos de mesa. Pode mesmo ser um forte aliado no combate aos sintomas das doenças do envelhecimento cerebral mais comuns nos dias de hoje, incluindo a demência associada ao envelhecimento natural.

Mas não se pense tratar-se de um jogo apenas para adultos, pois ajuda a desenvolver as capacidades mentais de todos. Em 1996 chegou a ser incluído como modalidade do Desporto Escolar, sendo infelizmente abandonada de forma gradual.

A Delegação de Portalegre da ASSP acolheu uma proposta do Clube de *Bridge* de Portalegre e mantém desde Maio de 2017 um grupo de associados assíduo e interessado em aprender esta modalidade, desejando-se que outros se lhes juntem. De momento são "poucos mas bons"!

Luís Freire

A Galeria da Biodiversidade, a Casa Andresen e Sophia de Mello Breyner – a trilogia perfeita

A 30 de junho de 2017, o **Jardim Botânico do Porto**, um polo do *Museu de História Natural e de Ciência da Universidade do Porto*, situado na **Casa Andresen**, abriu as suas portas a um espaço de cultura de exceção, a Galeria da Biodiversidade.

Este é **o primeiro espaço museológico do mundo criado segundo o conceito da museologia total**, dedicado especificamente à biodiversidade, onde o mundo natural e o cultural convergem, proporcionando aos seus visitantes experiências sensoriais de variada índole, através de múltiplos módulos expositivos e instalações que estão organizados em quinze temas principais. Abordam-se os mais variados aspetos da diversidade biológica e cultural hoje conhecidos. Foram utilizados modelos mecânicos e modernas plataformas multimédia audiovisuais para contar interessantes histórias sobre a vida. Crianças, adolescentes e adultos percorrem divertidos e interessados os vários espaços onde a informação é fácil, fluida e transmitida de forma lúdica, permitindo vivas trocas de impressões entre professores, pais, familiares e alunos.

Logo à entrada, somos surpreendidos por um esqueleto de baleia, suspenso do teto, lembrando que aqui viveu quem tanto se inebriou com a natureza- Sophia de Mello Breyner Andresen.



Para Sophia, a natureza era um exemplo de liberdade, beleza, perfeição e de mistério e é largamente citada na sua obra, quer pelas alusões ao “elemento terra” quando fala de árvores, pássaros ou do luar, quer pelas referências ao “elemento água” como o mar e a praia, as conchas, as ondas e a uma certa baleia, no seu conto Saga, tendo como referência inspiradora a casa do seu avô, João Henrique Andresen Júnior, ou seja, a casa Andresen:

‘Tudo na casa era desmedidamente grande desde os quartos de dormir onde as crianças andavam de bicicleta até ao enorme átrio para o qual davam todas as salas e no qual, como Hans dizia, se poderia armar o esqueleto da baleia que há anos repousava, empacotado em numerosos volumes, nas caves da Faculdade de Ciências, por não haver lugar onde coubesse armado’.

E a Universidade do Porto, a Faculdade de Ciências e outras, cumpriram o desejo de Sophia e juntaram-lhe muito, muito mais conteúdo, que vale a pena visitar, para aprender e, sobretudo, usar para ensinar, numa perspetiva integrada e multidisciplinar do ensino da ciência.

Neste momento e até 29 de abril de 2018 está patente na Galeria da Biodiversidade, para além da exposição permanente, outra exposição que chega pela primeira vez a Portugal - **Photo Ark- A Nova Arca de Noé**, baseada no projeto iniciado em 2005 pelo fotógrafo **Joel Sartore** da *National Geographic*, que pretende fotografar todas as espécies existentes em jardins zoológicos, aquários e reservas de todo o mundo, visando criar um arquivo inédito da biodiversidade global, enquanto há tempo.

A exposição consiste numa seleção de alguns dos retratos e vídeos de animais, mais representativos do autor, que nos alertam para a importância de proteger os mais vulneráveis do nosso planeta e nos impõem um princípio de sustentabilidade: ser capaz de interagir e zelar os recursos do passado que herdámos, de forma a não comprometer a vida das gerações vindouras.

Fontes consultadas: <https://mhnc.up.pt/> e <https://www.timeout.pt>

Em memória das vítimas silenciadas das cheias de Novembro de 1967

Segundo o geógrafo Fernando Rebelo, as cheias de Novembro de 1967 foram a terceira maior catástrofe que aconteceu, em Portugal, no último milénio. Piores, só o terramoto de 1755 e o aluvião do Funchal, em 1803. Do primeiro, temos muita informação e o segundo, apesar de ausente da memória nacional está, contudo, presente na memória colectiva da Madeira. Um feriado municipal recorda-o, para não esquecer as centenas de madeirenses que perderam a vida naquelas inundações. Ao contrário das anteriores, as cheias de 1967 permanecem como um tema ausente das memórias do país.

Era sábado, dia 25 de Novembro. Choveu dia e noite e, a partir das 19 horas, com uma invulgar intensidade, atingindo a Grande Lisboa, sobretudo os concelhos de Lisboa,

Odivelas, Loures, Oeiras e Vila Franca de Xira.

Os rios e as ribeiras transbordaram, as águas pressionaram os terrenos, fazendo aluir enormes massas de terra subitamente transformadas em torrentes de lama destruidora. A paisagem era aterradora, com espessos rios de lama arrastando todo o tipo de detritos, cadáveres humanos e animais.

FUNDADOR — JOAQUIM MANDO DOMINGO, 26 DE NOVEMBRO DE 1967 ANO 47.º — NÚMERO 16 114

Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUIA RAMOS

SEDE: 1207, RUA DE S. CARLOS, 1207 REDACÇÃO: COMPANHIA DE IMPRESSÃO RUA DE S. CARLOS, 1207 - LISBOA ADMINISTRAÇÃO: RUA DE S. CARLOS, 1207 - LISBOA DISTRIBUIÇÃO: RUA DE S. CARLOS, 1207 - LISBOA

CHUVA E MORTE: CENTENAS DE VÍTIMAS

O nosso jornal dá o relato tanto quanto possível aproximado dos acontecimentos amargos da angústia, vividos esta noite. A verdade é que se torna ainda, praticamente impossível dar o balanço exacto desses acontecimentos.

Comentários? Todos que fôssemos agora seriam descaídos. As palavras não podem hoje servir para contar os passos que marcaram a tragédia ao longo de longas horas. A emoção sobrepõe-se à reflexão — e essa emoção transparece em cada linha do jornal. De jornal e para além dele, nos instantes em que, de todos os lados, nos chegam notícias que falam de mortes, de cheias, de prejuízos. De centenas de vítimas.

(Ver reportagem nas páginas interiores) VISADO PELA CENSURA

Drama na região de Lisboa

DESTRUIÇÕES, DESABAMENTOS E INUNDAÇÕES A CIDADE ISOLADA DO RESTO DO PAÍS EXPLOÇÃO NO FORT DO CARRASCAL



Fonte:
Diário de Lisboa, 26 de Novembro de 1967



Aldeia perto de Quintas.

Fonte:
Terence Spencer in *Século Ilustrado*,
<http://citizengrave.blogspot.pt/2011/06/fotos>

Um balanço trágico: centenas de mortos, 700 segundo os jornalistas Joaquim Letria, Pedro Alvim e Fernando Assis Pacheco, que andaram pelas morgues e casas mortuárias a contar os mortos; para cima de um milhar de desalojados; prejuízos materiais incalculáveis.



Cadáveres transportados em portas

Fonte:
paris_mat ch_9dez67_-
cheias, 2 de Dezembro de 1967

<http://citizengrave.blogspot.pt/2011/06/fotos>

Era o tempo do Estado Novo, últimos anos do Salazarismo.

Surpreendido pelos números avassaladores da tragédia e sem serviços de emergência, o regime não acudiu às populações, nas tarefas urgentes.

Os primeiros auxílios foram prestados pelos bombeiros voluntários, por cerca de 6.000 estudantes, organizados a partir da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, por organizações católicas, e por organizações salazaristas como a Legião Portuguesa e o Movimento Nacional Feminino. Das autoridades, apenas sapadores de algumas unidades militares prestaram auxílio.



Ponte de Frielas, as populações expõem ao sol os seus haveres inundados, tentando recuperá-los.

Fonte:
Terense Spencer in
<http://citizengrave.blogspot.pt/2011/06/fotos>

Coube ainda aos estudantes de Medicina a ajuda médico-sanitária às populações com a vacinação em massa contra a febre tifóide; a instalação de postos clínicos para consultas e tratamentos de urgência; a distribuição de medicamentos.

Só mais tarde, as instituições do Estado corporativo se organizaram e coordenaram esforços para minorar os efeitos da catástrofe.

No Estado Novo em decadência, a Censura controlava a informação. Inicialmente, o regime permitiu que a imprensa publicasse fotografias, recolhesse

testemunhos, identificasse os mortos. Da aldeia de Quintas, que perdeu mais de metade

dos seus habitantes, contava-se no Diário de Notícias, no dia 27: *Vi dezenas de corpos desfilarem em macas, corpos transportados em escadas. Vi rostos com a máscara do pavor, homens, mulheres, jovens e crianças. Vi famílias inteiras que marcaram encontro com a morte. Falta-me a coragem para fazer perguntas, para interrogar. Sinto que estou num necrotério, sem paredes, sem tectos. Esta, a mais dolorosa das reportagens que é preciso escrever.*

Vendo a dimensão da tragédia e temendo que o choque e consternação gerais pudessem evoluir para o domínio político prejudicando a imagem do regime, o Governo agiu e a Censura enviou directivas aos jornais: «Número oficial de mortos: 462», «a partir de agora não morre mais ninguém»; «Gravuras da tragédia: é conveniente ir atenuando a história. Urnas e coisas semelhantes não adianta nada e é chocante. É altura de pôr títulos mais pequenos»; «Inundações: Títulos não podem exceder a largura de



Uma menina inanimada encontrada no interior do rés-do-chão de uma habitação

Fonte:
Diário de Notícias, 27 de Novembro de 1967



Brigadas de estudantes no apoio às populações

Fonte:

Solidariedade Estudantil nº 2, SCIP – Secretaria do Coordenador de Informação e Propaganda, TT, Arquivo Salazar, Correspondência.

meia página e vão à Censura. Não falar no mau cheiro dos cadáveres. Actividades beneméritas dos estudantes – Cortar».

Fizeram-se várias leituras das cheias.

A versão oficial atribuía a culpa do fenómeno a causas naturais, visão fatalista que assentava na impotência do homem perante uma Natureza hostil. Outras leituras destacavam a má gestão e deficiente urbanização do território, as condições de miséria das populações dos bairros onde tinha havido maior número de mortos e que não coincidia com aqueles onde a pluviosidade tinha sido maior. Dizia, em Dezembro de 1967, o *Comércio do Funchal*: *Nós não diria-*

mos: foram as cheias, foi a chuva. Talvez seja mais justo afirmar: foi a miséria, miséria que a nossa sociedade não neutralizou, quem provocou a maioria das mortes. Na realidade, a água foi muita (...), mas se as «casas» fossem verdadeiras casas teriam sido arrastadas pelas águas?

Recorrendo à Censura e sobretudo ao silenciamento do tema, **o regime foi eficaz na desvalorização do acontecimento, apagando-o da memória colectiva.**

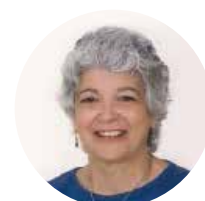
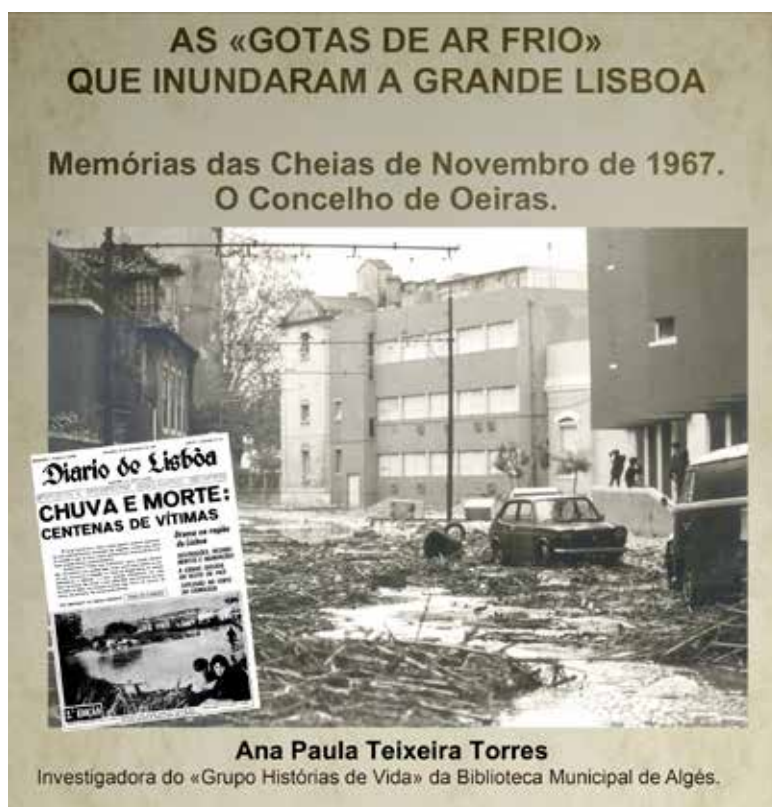


Fonte:

Solidariedade Estudantil nº 2, SCIP – Secretaria do Coordenador de Informação e Propaganda, TT, Arquivo Salazar, Correspondência.

Foi a segunda morte das vítimas de Novembro de 1967. Nenhuma lista de vítimas incluía os seus nomes. Não eram recordados simplesmente porque não tinham existência.

E, se o regime negou às vítimas o direito ao nome, negou-o também a todos nós e à nossa memória colectiva.



Ana Paula Teixeira Torres

Membro Suplente da DN

Associada ASSP nº 8915

Mestre em História Social Contemporânea, pelo ISCTE.

Licenciada em História, pela Universidade de Letras de Lisboa.

Foi professora do Ensino Básico e Secundário durante quase 38 anos. Trabalhou em Lisboa, Grândola, Algés, Montijo, Linda-a-Velha, Amadora, S. João do Estoril e Paço de Arcos.

Actualmente, dedica-se a trabalhos de investigação no âmbito da ciência histórica.

Cyberbullying

Um problema novo?

Ou um problema antigo com nova "roupagem"?

(Parte II)

A todas as características anteriormente referidas no que concerne à comunicação mediada pelos ecrãs, acresce o facto de as crianças desta geração acederem a dispositivos digitais muito precocemente, o que, se por um lado facilita o desenvolvimento de competências digitais tão importantes nos dias de hoje, por outro lado, possibilita-as a entrarem numa outra realidade onde podem conhecer, contactar, comunicar, interagir com uma "audiência" quase ilimitada, conhecida e desconhecida, ultrapassando barreiras geográficas, linguísticas e culturais.

Por quê precocemente? porque tende a ocorrer numa idade em que o sentido crítico não se encontra ainda desenvolvido, nem a ponderação, sendo o comportamento pautado por uma enorme impulsividade. Em contextos presenciais, esta impulsividade encontra-se muitas vezes "balizada" por adultos (pais, outros familiares, educadores, professores), mas em contextos virtuais a sua ação encontra-se praticamente ausente.

Cada vez mais assistimos a crianças de 9, 10 e 11 anos, com os seus próprios dispositivos digitais, com dados móveis e acesso a Internet em praticamente todos os locais por onde circulam, mas pautadas pela imaturidade e impulsividade tão características destas idades.

Não me interpretem mal. A tecnologia e todas as suas extraordinárias potencialidades, não são um problema em si próprio, não são



um "alvo a abater", muito pelo contrário. A questão tem a ver com a sua introdução demasiado cedo na vida das nossas crianças, com a possibilidade de entrada num mundo sem limites (de conteúdos e de contactos). Esta entrada reveste-se de maior ameaça, quando a geração dos adultos se encontra menos capacitada para supervisionar e orientar esses primeiros passos.

Deixaríamos o nosso filho de 9 anos sozinho num jardim infantil à noite? Iriamos para casa sossegados? Então porque permitimos que andem, que vagueiem por espaços virtuais, também eles desconhecidos, onde com tantos perigos se podem deparar?

Infelizmente também não tenho nenhuma solução para vos apresentar. As enormes pressões para o consumismo, a necessidade dos nossos filhos estarem integrados num grupo de pares que "fala" a mesma linguagem, que vive no mesmo mundo e vivencia as mesmas experiências, a nossa própria necessidade de os termos constantemente contactáveis, faz

com que frequentemente cedamos à tentação desta introdução demasiado precoce. Mas devíamos pagar o preço de atualizarmos as nossas competências e conhecimentos tecnológicos; acompanharmos as suas primeiras incursões exploratórias na web; controlarmos as aplicações que descarregam e, ainda, evitarmos que construam demasiado cedo os seus perfis nas redes sociais.

Estas ações são, naturalmente, preventivas, porque quando um fenómeno de *cyberbullying* se inicia, instala e partilha, é muito difícil a intervenção com resultados eficazes, em grande parte devido à própria natureza da comunicação digital. Mas é na prevenção que está o ganho...

O meu objetivo penso ter sido alcançado: inquietar-vos e apelar à vossa sensatez e reflexão crítica no que concerne a esta temática. Resta-me desejar-vos uma boa caminhada por este novo mundo de possibilidades tão extraordinárias quanto perturbadoras...



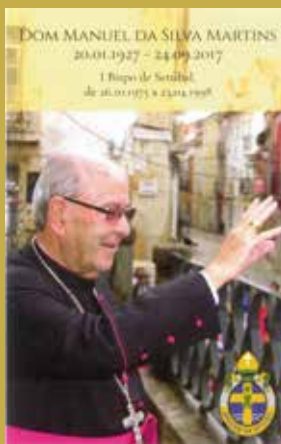
Sónia Raquel Seixas

TRIBUTO A

D. MANUEL MARTINS

Esta cidade teve o privilégio de acolher o grande Homem que foi D. Manuel Martins.

À Casa dos Professores de Setúbal, que várias vezes agraciou com a sua presença, conferiu a grande honra de ser seu Amigo.



"Nasci Bispo em Setúbal, agora sou de Setúbal. Aqui anunciarei o Evangelho da libertação, na justiça e no amor. Aqui proclamarei o Cristo vivo – que veio e está no meio de nós – o único que pode alicerçar na fraternidade a sociedade justa que é a aspiração angustiante de todos nós".

Primeiras palavras de D. Manuel Martins na Sé de Setúbal
Eucaristia de Ordenação Episcopal e tomada de posse
26 de outubro 1975

Fotografia: LFS/Agência Ecclesia

As suas palavras são a melhor mensagem de Natal e propósito para o novo ano, que vos podemos deixar, com o tributo do nosso profundo reconhecimento.

"Tom dos caminhos novos que nos propomos percorrer: Proclamar e semear entre os homens a esperança num mundo novo, marcado pela justiça, pela fraternidade e pela paz. E isto não é utopia. As sementes de esperança estão já profusamente espalhados e palpáveis em situações, acontecimentos, grupos e pessoas do nosso mundo e da nossa terra. A vós compete descobri-las, acolhê-las, dar-lhe a força do Evangelho"

+ ul. Martins
D. Manuel Martins



Printa da Misericórdia do Porto - Autor: Adolfo Angélio



Igreja de Santa Maria da Graça/Sé - exterior
(<http://paroquiadoseixal.blogspot.pt/2016/>)



Interior da Sé
(https://perspectivasdoolhar.blogspot.pt/2014/07/setubal-des-coberta-do-patrimonio-igreja_3170.html)



Pormenor do interior
(https://perspectivasdoolhar.blogspot.pt/2014/07/setubal-des-coberta-do-patrimonio-igreja_3170.html#/2014/07/setubal-des-coberta-do-patrimonio-igreja_3170.html)

Cabeça Aldeia Natal

“Cabeça será uma verdadeira Aldeia de Natal, onde vai vivenciar a magia de um Natal que não apela ao consumismo e nos convida à inspiração na simplicidade daquele que é o verdadeiro Natal do nascimento de Jesus.(...)”

Cabeça é uma pitoresca aldeia de casas em xisto, em plena Serra da Estrela, perto de Seia. O seu casario, assente em cima de um monte arredondado, deu-lhe o nome. À sua volta, serpenteiam socalcos, construídos com pedras de xisto e lascas de lousa, formando um vistoso labirinto.

Reza a lenda que Cabeça é uma terra de Cavaleiros das Esporas de Oiro. Três homens de linhagem, tendo a cabeça a prémio, aqui se refugiaram, escondidos de todo o mundo e vivendo como eremitas, até ao dia em que raptaram, de uma povoação vizinha, cada um a sua donzela. Construíram casas, cultivaram as terras e dedicaram-se à pastorícia. Assim nasceu a povoação.

Decorre este ano, nesta recôndita aldeia, a quinta edição da Aldeia Natal. O projeto “Cabeça Aldeia Natal” foi o vencedor de um Concurso de Ideias lançado pelo Município de Seia, em 2013. A proposta era “vestir de Natal este aglome-

rado de montanha, uma criação inspirada no imaginário de Natal na Serra da Estrela, na natureza, (na) biodiversidade e (no) respeito pelo meio ambiente no seu todo...”

Cabe à população concretizar todo o projeto. E, por isso, em parceria com especialistas em eco design, homens e mulheres participam nos trabalhos da decoração. E as ruas enchem-se de luzes LED, grinaldas, estrela, corações, presépios, árvores de Natal, tudo confeccionado com elementos naturais:

folhas, toros, ramos, lã, giestas, videiras, pinheiros...

“Uma aldeia genuína. Por mãos de gente genuína” foi a expressão utilizada para descrever esta Aldeia Natal que é também a “mais sustentável aldeia de montanha do país”. Cabeça foi a primeira Aldeia em Portugal a recorrer à tecnologia LED na iluminação pública, garantindo, assim, maior eficiência energética.

Em 2016, visitámos Cabeça onde vivemos o verdadeiro espírito do Natal, longe do consumismo a que nos habituámos nos grandes centros. E porque foi uma experiência inolvidável aqui a partilhamos.



Vantagens de ser Associado



Formação Contínua

A ASSP faz uma comparticipação directa de 50% do custo de Acções de Formação Acreditadas pelo Conselho Científico Pedagógico da Formação Contínua através de um Centro de Formação.



Seguros de Saúde

Seguros Maiores: **Maior Economia. Maior Segurança. Maior facilidade:** Seguro de Saúde, Seguro Automóvel, Seguro Habitação, Seguro de Acidentes Pessoais, Seguro de Vida/Crédito, Seguro Poupança. Há ainda Seguros de Saúde, com vantagens únicas, concedidas pela MGEN e Seguro de Saúde de Grupo ASSP-Multicare.



Consultoria Jurídica

Gabinete Jurídico de atendimento aos seus Associados nas diversas áreas do direito, com maior incidência nas seguintes áreas: Direito do Trabalho, Direito Civil, Direito de Família e Menores, Direito Penal, Direito Contra Ordenacional e Direito Administrativo.



Combustível

Todos os Associados têm acesso ao cartão da **GALP MAIS POR MENOS** que permite descontos imediatos na aquisição de combustíveis nos postos **Galp**.



Descontos

Descontos vários em Farmácias parceiras e em muitas outras empresas das mais variadas áreas, nomeadamente nas da Saúde, Beleza e Bem-Estar, Educação, Cultura, Lazer.



Alojamento

Acesso às 4 Residências Sénior da ASSP, ao alojamento temporário e à *Casa da Torre*, Turismo Rural da ASSP. Descontos em outras Residências Sénior do país.



Actividades e Convívios

Nas 15 Delegações desenvolvem-se cursos e actividades que promovem a valorização pessoal dos participantes, tecem-se laços com a comunidade envolvente e marca-se a presença da ASSP em eventos de carácter variado. Desencadeiam-se iniciativas que visam fomentar o envelhecimento activo socialmente gratificante e estimulante.



Campos de Férias

Destinados a filhos e netos de Professores, assegurados por equipas de monitores multidisciplinares e especializadas. Os Campos visam o desenvolvimento integral das crianças e jovens, proporcionando momentos de lazer, reflexão e partilha, num ambiente saudável e seguro.



Apoio ao Estudo

Em Guimarães e em Terras de Santa Maria (Santa Maria da Feira, S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis) funcionam actividades de Apoio ao Estudo, destinadas a crianças e jovens.